

## Editorial

*A cultura ocidental, largamente impregnada de substrato grego, anda marcada – é sabido – por uma clara predominância da racionalidade. É certo que o grande Mestre do Ocidente, que foi Agostinho de Hipona, lhe legou como herança uma acentuada predilecção pelo «amor»: «O meu amor é o meu peso; para onde quer que vá, é ele quem me leva» (Confissões XIII, 9, 10). Nisso se distancia da frieza racional aristotélica, assumindo antes o legado platónico e neoplatónico, com raízes mais propriamente orientais, para além das gregas. A Idade Média, que cultivou sobretudo a sua herança, fez sistematicamente prevalecer a fé sobre a razão e, quer na prestigiada e duradoira instituição monástica quer, já nos últimos séculos, na Ordem Franciscana, conheceu bastantes manifestações e teorizações da tensão mística. Tomás de Aquino, porém, e com ele a Ordem Dominicana e a escolástica medieval, como mais tarde a escolástica ibérica e a neo-escolástica, preferiram, no seguimento de Aristóteles, cultivar a clareza meridiana do lógos. Mas foi sobretudo a modernidade que, desde o cogito de Descartes, instaurou no Ocidente o primado da racionalidade. O Iluminismo, com Immanuel Kant, seu expoente maior na área da filosofia, haveria de impor com particular veemência o culto da razão como única luz capaz de iluminar os segredos do mundo e da vida. A sua influência, com diversos matizes, de que o cientismo e o positivismo são porventura os mais significativos, faz-se sentir ainda nos nossos dias.*

*Sabemos, entretanto, que a natureza humana é complexa e que o ser humano não pode ser adequadamente definido apenas como animal racional. Se, já nos finais dos tempos clássicos e nos alvares da Idade Média, Agostinho seguiu caminho diferente e o inspirou à posteridade, compreende-se por exemplo que, em pleno século de Descartes, um espírito agostiniano como foi Blaise Pascal tenha pugnado pelos direitos (e pelas capacidades) do coração, a ele se devendo aquele lapidar pensamento tantas vezes citado: «O coração tem razões que a razão desconhece» (Pensamentos, 277). Como se compreende que ao exacerbado racionalismo iluminista tenha sucedido a reacção do romantismo, com a sua tónica no coração.*

*Esta dupla orientação, de incidência essencialmente antropológica, tem tido as suas sequelas em múltiplos campos: na ética e na moral, na pedagogia, nas relações humanas, no sentido da estética, na orientação religiosa... Dentro desta última, merece uma particular referênci a liturgia. De facto, nas Igrejas de rito latino, em diferença das*

de rito oriental, prevalece uma certa tendência para alguma sobredosagem da palavra (entenda-se da palavra humana, e desta enquanto expressão de ideias e sua articulação discursiva) em detrimento não só de um maior peso para a expressão simbólica, mas também das múltiplas possíveis (e desejáveis) expressões do sentimento, mais apto para captar e para exprimir a relação com o Mistério trans-racional. No que à moral diz respeito, se umas vezes se dá lugar que baste ao coração e aos sentimentos (por vezes mesmo a um sentimentalismo doentio e a uma desviada e perigosa moral do coração), outras vezes predomina a frieza racional do discurso lógico, tão exacto como frio e tantas vezes inadequado para dizer o que o ser humano deve ter como orientação para a sua conduta. Quanto às relações humanas, é sabido que, a par dos frios calculismos racionalmente conduzidos, os afectos (os bons, os menos bons e os positivamente maus) ocupam e ditam tantas das atitudes que se tomam.

Estes são apenas alguns exemplos de como o ser humano não prescinde nem pode prescindir da sua componente afectiva e de como, entre a fria racionalidade e o calor da afectividade, a tónica é variável. Referimos já a raiz grega da tónica racional e o seu incremento na época moderna. Mas no Ocidente entraram também outras influências. Se a Grécia dos filósofos preferiu a claridade apolínea da razão, já por exemplo a Bíblia dos hebreus apresenta uma antropologia que confere ao coração um lugar e um papel de primeira importância, a ele atribuindo mesmo a capacidade do (mais profundo) conhecimento. A verdade é, pois, que o ser humano vive também do coração.

Mas verdade é também que os sentimentos do coração carecem de ser ordenados pela vigilância da razão. Eles têm, por isso, a sua própria «gramática», a «gramática dos sentimentos». Quando Agostinho estabelecia como norma fundamental para o comportamento humano o seu «Ama, e faz o que quiseres» (In ev. Io. X, 7, 8), estabelecia sem dúvida uma ética do coração; mas definia, justamente, ao mesmo tempo, a ordem ética como a «ordem do amor» ou como ética do amor ordenado.

A «gramática dos afectos» não incide, porém, apenas no plano ético. Nem no religioso, no estético, no pedagógico, e por aí adiante. Antes deles e como base referencial e fundamentadora das suas diferentes aplicações, há que considerar o plano da antropologia. É na estrutura e na dinâmica da natureza humana que é preciso buscar o ordenamento ou as regras fundamentais do ser (humano) que determinam as regras do agir.

Ao debruçar-se sobre o tema da «Gramática dos afectos», a XIX Semana de Estudos Teológicos do núcleo de Braga da Faculdade de Teologia da UCP teve em vista – sem embora, de longe, pretender ser exaustiva – prestar o seu contributo na chamada de atenção para esta dimensão do ser humano. São alguns dos aspectos que nela foram versados que neste fascículo da revista *Theologica* se oferecem ao leitor.

JORGE COUTINHO